



PEDAGOGIA DE JESUS: inspirAÇÃO para quem ensina na Escola Dominical

Para refletir...

“Jamais pude pensar a prática educativa...intocada pela questão de valores, portanto da ética, pela questão dos sonhos e da utopia, quer dizer, das opções políticas, pela questão do conhecimento e da boniteza...”

Paulo Freire

(2005)

“Educar não é só uma questão de ensinar verdades para o outro decorar. O conteúdo que Jesus tinha para dar não estava só nas palavras, mas também nos gestos e no próprio jeito de ele se relacionar com o povo”.

Carlos

Mesters (2001)

“Para a igreja metodista, a educação só será autêntica quando estiver vinculada com a vida (...). Deverá dar instrumental de análise e crítica para, na medida do possível, as pessoas serem agentes de transformação com voz e vez, libertadas, capacitadas e seguras neste mundo”.

Zélia Constantino (1997)

Estas frases refletem o pensamento e a prática pedagógica desses professores e professora que contribuíram e contribuem com a nossa realidade educacional e pedagógica dentro e fora do espaço da Escola Dominical. Para se entender a prática pedagógica de alguém é preciso mergulhar em seu ambiente, em sua vida, suas relações, ações e pensamentos. Sendo assim, falar da pedagogia de alguém é *“entender o caminho que ele*



propôs, e a maneira de ele chamar as pessoas para trilhar este caminho” Freire (2005). Falar da pedagogia de Jesus é conhecer o caminho por ele proposto, bem como as suas atitudes. É preciso conhecer a pedagogia de Jesus se desejamos ensinar como o Mestre dos mestres.

Este texto busca destacar o ambiente educacional onde Jesus estava inserido, seu processo de aprendizagem, sua pedagogia desenvolvida e a qualidade da sua relação com as pessoas para, a partir de tais perspectivas, pontuar considerações importantes para a ação docente na escola dominical.

I-A prática pedagógica na época de Jesus

Olhar a prática pedagógica dentro da sociedade na época de Jesus é destacar os rabinos como os grandes educadores reconhecidos, digo reconhecidos porque as mulheres (mães e avós) eram responsáveis por educar a todos, homens e mulheres e sequer podiam aprender a ler, a escrever ou tornarem-se rabinas.

Para tornar-se rabino era preciso freqüentar a escola de escribas em Jerusalém, apropriando-se das Escrituras, leis e das tradições dos antigos. Os dois principais espaços educacionais da cidade eram ocupados pelo rabino: a sinagoga, onde ele lia e interpretava as Escrituras; e a escola que funcionava junto à sinagoga e era onde efetivamente os homens aprendiam a ler e a escrever, já que as mulheres eram excluídas dessa oportunidade.

A visão educacional apresentada nesta época era antes de tudo preservar as tradições e não se deixar envolver pelas propostas culturais do mundo greco – romano. Prova disso é que na sinagoga as Escrituras eram lidas em hebraico e interpretadas em aramaico. A prática pedagógica dos rabinos visava a maturidade das pessoas para que elas pudessem ser membros ativos da vida social, partilhando das decisões tanto da aldeia quanto do país.



Jesus vivenciou a experiência de aprender neste contexto pedagógico. Aprender é um processo constante, individual e também social, que se dá a partir da relação com as pessoas, com o meio, com o mundo, Paulo Freire nos alerta que “*Ninguém educa ninguém, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo*” Freire (2005)

É nesta interação que o indivíduo vai sendo formado. Os espaços de aprendizagem são os mais diversos durante a nossa vida, essas escolas vão nos formando, mas também podem nos “enFORMAndo”. Nossas classes de escola dominical também são espaços de aprendizagem que precisam estar comprometidas com uma pedagogia libertadora e não castradora.

Jesus vivenciou diversos espaços de aprendizagem que contribuíram para sua formação. Carlos Mesters e Francisco Orofino (2004) nos apresentam as “várias escolas” de Jesus.

II- As escolas de Jesus

a) A escola de Jesus era antes de tudo a vida em casa:

Neste espaço Jesus tem em sua mãe, seu primeiro referencial educacional, e em casa aprende a falar, andar, conviver, orar, trabalhar, aprende a conhecer a história de seu povo, aprende a relacionar-se. É neste espaço que as regras, as palavras são absorvidas e adquirem significação.

b) A escola de Jesus era a Bíblia:

O relacionamento de Jesus com as Escrituras aconteceu, a princípio, em casa com a família, e mais tarde com a sua participação ativa na sinagoga. Jesus tinha um profundo



DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL



conhecimento da lei e frequentava bastante a sinagoga, era apenas lá que se podia encontrar as Escrituras. Para Jesus, esses escritos eram fonte de autoridade, de orientação para a sua missão, fonte de conhecimento para forjar seu caráter e conduta e também para vencer as tentações do diabo e as provocações de seus inimigos para desviá-lo do caminho do Pai.

c) A escola de Jesus era a tradição:

Jesus valorizou a tradição transmitida pelos escribas e doutores da lei, além de valorizar se propôs a analisá-la e, por meio da sua experiência com Deus, com o povo e com a vida, desenvolveu um aprendizado crítico que o instrumentalizou em suas relações com os doutores da lei e fariseus de sua época.

d) A escola de Jesus era a convivência com o povo:

Nesta convivência aprendeu as tradições, os costumes, as festas, os jogos, os cânticos, as tribos, as histórias, os medos, as doenças, os poderes e os remédios. Jesus também aprendeu sobre o sentimento de pertença que o ser humano precisa ter, isso o auxiliou a ajudar o povo (principalmente as pessoas excluídas) a se sentir pertencente a uma sociedade, a um novo Reino.

e) A escola de Jesus era o trabalho:

Ao trabalhar Jesus se formou e apreendeu / vivenciou como carpinteiro a dura vida do povo para sobreviver. Além disso, pode sentir também o peso da exploração do governo com a sua carga tributária e a ausência de defesa do povo contra o sistema opressor.

f) A escola de Jesus era também a escola:

Neste espaço Jesus aprendeu a ler e a escrever e também enxergou o preconceito contra as mulheres, que não podiam participar desta educação formal embora fossem



DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL



responsáveis por educar, formar, preparar os homens para esse processo formal de educação.

g) A escola de Jesus era o mundo:

O povo da Galiléia em função de estar rodeado por várias cidades pagãs, tinha a experiência de conviver com outros povos com experiências diferentes das suas. Jesus estava aberto à convivência com quem era diferente, pois sabia que a sua missão era para toda humanidade. Ele não se fechou nos antigos limites históricos de Israel, mas se relacionou com povos considerados impuros pelos judeus, como por exemplo o samaritano. Ele reconhece o valor da fé de pessoas que não eram judias (a mulher siro-fenícia) e aprendeu delas.

h) A escola de Jesus era o coração:

No tempo de Jesus deveria se pedir conselhos a quem estivesse perto de Deus, a quem tivesse conhecimento dos preceitos de Deus. Jesus aprende a escutar o próprio coração, onde Deus morava. E em seu coração havia amor infinito e misericórdia. Ele era o próprio amor e a misericórdia.

i) A escola de Jesus era sua vida de intimidade com Deus, seu Pai:

Jesus era um com o Pai e isso era determinante para que ele interpretasse corretamente a Lei contida nas Escrituras.

As várias “escolas” de Jesus forneceram a Ele conteúdo, experiências que o fortaleceram e o impeliram a desenvolver sua prática para que as pessoas crescessem e estabelecessem um relacionamento adulto e consciente com Deus. Para isso Jesus se apresenta como um amigo que está a serviço dos amigos e amigas que queiram com ele se relacionar, aprender e compartilhar.



As nossas várias “escolas” contribuíram e contribuem diretamente para a nossa formação. É a nossa história, a nossa vida, não existimos longe delas. As pessoas que frequentam as nossas aulas na ED também carregam as suas escolas, suas histórias. Conhecê-las é promover espaço de partilha de vida, é fortalecer os laços. Isto nos permite enxergar melhor essas pessoas e assim desenvolver a nossa prática docente.

III - A pedagogia de Jesus: valorizando o relacionamento entre educando(a) e educador(a)

A prática pedagógica de Jesus pautou-se antes de tudo no investimento nos relacionamentos humanos que se encontravam desintegrados. Jesus teve como premissa na sua prática docente a interação, o diálogo, o relacionamento. Abaixo estão descritas, segundo Mesters e Orofino (2004), as principais características desta pedagogia:

a) Uma pedagogia que parte da realidade:

Jesus sempre convida a comunidade à reflexão a partir de fatos, objetos e conceitos que fazem parte do dia-a-dia desta comunidade. Ao levar em conta a realidade das pessoas, Ele oferece a elas uma aprendizagem significativa, pois o conteúdo e a linguagem apresentados são entendidos pela comunidade aprendiz.

b) Uma pedagogia participativa:

A partir da perspectiva de valorização dos indivíduos e dos relacionamentos, Jesus constrói uma prática educacional dialógica. Os autores destacam que Jesus ao utilizar as parábolas como metodologia de ensino, exige de cada aprendiz uma tomada de posição diante do que ele está narrando.

c) Uma pedagogia libertadora:



A proposta de utilização de parábolas exigia uma participação do aprendiz e também buscava levar a pessoa a pensar dentro de uma lógica diferente da que se estava acostumado a lidar no dia- a –dia. “Ao contar a parábola, Jesus chama a atenção para uma maneira diferente de resolver e enfrentar os problemas do cotidiano. É como se Jesus pedisse para que olhássemos para aquilo que está oculto nas coisas mais aparentes e banais”. Mesters e Orofino (2004)

Nesta perspectiva libertadora constrói-se um olhar diferente para a realidade, seus problemas e desafios. Era construído também um sentimento de empoderamento para agir e reagir, pois a própria formação / educação vai acontecendo na ação e na interação. “Desde o primeiro momento do chamado, ele (Jesus) os envolve na missão (...). Jesus os forma dentro da ação, envolvendo-os na missão que ele mesmo estava realizando em obediência ao Pai” Mesters e Orofino (2004).

IV - Inspirando a nossa prática docente na pedagogia de Jesus

“O educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa” Paulo Freire (2005).

Mergulhar na prática pedagógica de Jesus é perceber que esta foi construída a partir de uma relação dialógica, que pressupunha a interação, o contato, a preocupação com a outra pessoa e o investimento na reestruturação relacional da comunidade.

Os estudos sobre educação seguem desenvolvendo-se e diversas são as considerações sobre este tema. Refletir sobre a prática pedagógica na Escola Dominical requer, antes de tudo, que nos apropriemos do que a Igreja Metodista afirma sobre educação,



DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL



já que ela é o espaço onde desenvolvemos nossa ação docente e, portanto, sua proposta educacional precisa ser um dos eixos norteadores e fundamentais de nossa ação docente.

“Educação é o processo que visa oferecer à pessoa e à comunidade, uma compreensão da vida e da sociedade, comprometida com a prática libertadora, recriando a vida e a sociedade segundo o modelo de Jesus Cristo, e questionando os sistemas de dominação e morte, à luz do Reino de Deus.”

Metodista, pág. 29.

Plano para Vida e Missão da Igreja

O conhecimento é o produto da ação e da reflexão do/a educando/a (aluno/a) que já possui uma bagagem de conhecimentos e experiências que ao interagir, trocar, sofre mudanças, e se transforma em agente transformador. Uma relação eficaz entre ensinar e aprender passa diretamente pela relação entre o(a) educador(a) e o educando. Falar sobre esta relação é levar em conta que ela acontece quase sempre com pano de fundo do processo ensino e aprendizagem e tornea o universo educacional.

No contexto da relação entre educandos(as) e educadores(as), o educador ou educadora assume em alguns momentos o papel de motivar, de cativar quem está aprendendo e de convidar a aproveitar o espaço de aprendizagem.

Quando o professor ou professora se torna consciente da importância de seu papel como motivador(a) e facilitador(a) da aprendizagem, inicia-se uma ligação prazerosa de quem está ali para aprender conteúdo dado na escola dominical.

V - Construindo-se professor(a) a partir da pedagogia de Jesus:

Um professor ou professora que busca se espelhar na pedagogia de Jesus sem dúvida terá uma prática eficaz. O(a) aluno(a) é a razão de ser da Educação Cristã. Esta educação deve ser baseada numa reflexão crítica da realidade. Paulo Freire nos alerta sobre a



importância de não termos uma educação “bancária”, onde o(a) educador(a) é o personagem principal do processo de educação, que entope quem está aprendendo de conceitos através da memorização, sem nenhum espaço ou incentivo para a reflexão e questionamentos.

O conceito de educação bancária, segundo Carvalho (2000), aplica-se igualmente à educação cristã, salvo algumas comunidades que praticam a aprendizagem participativa em todos os níveis de atuação. Geralmente o que temos visto, são educadores(as), pastores(as), líderes, que colocam-se em posições fixas, invariáveis, como donos exclusivos da verdade frente aos membros da comunidade. Eles(as) sabem tudo, enquanto acham que os membros da comunidade nada sabem e nunca saberão.

Neste modelo de educação bancária, quanto mais os(as) educandos(as) se limitarem ao papel de depósito de dogmas que lhe são transmitidos por quem ensina, menos oportunidades terão de desenvolver a consciência crítica (auto exame do que é certo ou não, do que é justo ou não, do que é lícito ou não, etc.). Esta consciência é importante para a atuação do cristão e cristã como aquelas pessoas que, de forma positiva, fazem a diferença e buscam como nos orienta o Plano para a Vida e Missão da Igreja, **recriar a vida e a sociedade segundo o modelo de Jesus Cristo.**

Assim, nossa prática docente precisa levar a pessoa à reflexão crítica da realidade, precisa preocupar-se com a necessidade de lhe garantir um espaço para que possa colocar-se, falar sem medo de errar. Quando quem ensina demonstra respeito ao que quem aprende tem a dizer e dá atenção necessária à sua palavra, este/a aluno/a sente-se mais à vontade para se expor, participar e colaborar no grupo.

O(a) professor(a) também deve se preocupar não só em estar atento ao que o(a) aluno(a) fala, mas também na qualidade do que se está ensinando. A educação cristã, como



DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL



o próprio nome já diz, precisa ser *Cristocêntrica*, ou seja, ter a Cristo como centro de sua mensagem. Isto significa que o conteúdo a ser apresentado precisa gerar vida e não morte, liberdade e não culpa.

Ainda analisando a metodologia de Jesus e inspirando-se nela para nos construirmos como professores e professoras podemos recorrer à querida professora Zélia Constantino (1997), que nos dá pistas sobre a atuação do Mestre Jesus:

- Jesus conhecia a matéria que ensinava (as Escrituras) – Lucas 24: 27, Mateus 4:4,7,10.
- Jesus conhecia os seus alunos e alunas – Mateus 13, Lucas 15:8-10, João 21.
- Jesus reconhecia o que havia de bom em seus alunos e alunas – João 1:4-7.
- Jesus ensinava as verdades bíblicas de modo simples e claro – Lucas 5:17-26.
- Jesus variava o método de ensino conforme a ocasião e o tipo de ouvinte.
- Jesus ensinava através de seu exemplo, isto é sua vida de obediência – (João 13:15, Atos1:1, I Pedro 2:21)

Jesus ensinava de modo peculiar, sem citar mestres e doutores ele conseguia transmitir a mensagem, que ao ser absorvida, gerava mudança de comportamento. Uma relação equilibrada entre quem ensina e quem aprende cria um ambiente de partilha, motiva o(a) aluno(a), alimenta o(a) professor(a) e abre espaço para que outras pessoas se cheguem à comunidade.

A aprendizagem cultivada na Escola Dominical precisa gerar mudança de comportamento, conscientizar, capacitar e fortalecer a igreja a ser comunidade missionária a serviço do povo. Além disso, Mesters (2001) nos alerta que “um conteúdo nunca está desligado da pessoa que o comunica”, a bondade e o amor que transparecem nas palavras precisam fazer parte do



conteúdo total do(a) professor(a), pois só assim ele terá possibilidades de estabelecer um relacionamento que facilite a aprendizagem. E Mesters ainda afirma: “conteúdo bom sem bondade verdadeira, sem prática harmonizada com discurso, caracteriza não a pedagogia de Jesus, mas a prática dos fariseus de sua época”.

VI – E por fim...

A pedagogia de Jesus desenvolveu-se na perspectiva de gerar maturidade, autonomia na comunidade aprendente, para que a mesma assumisse o desafio de ser “amostra do Reino” Mesters e Orofino (2004). Segundo estes autores ser “amostra do Reino” se caracterizava por: sentimento de igualdade e fraternidade; igualdade entre homens e mulheres; disponibilidade em partilhar os bens; desenvolver um relacionamento de amizade e não de autoritarismo; ter consciência de que todo poder concedido deve ser utilizado no serviço que visa o bem da comunidade; praticar a oração em comum; e ter e fazer uma vida de alegria para a comunidade.

A pedagogia de Jesus nos inspira a seguirmos numa prática docente que se pauta pelo amor e pelo diálogo, ela nos conforta e nos desafia a reinventar a Escola Dominical, a acreditar neste espaço de aprendizagem como um espaço onde educandos(as) e educadores(as), a partir do diálogo, interagem, se transformam, se capacitam para serem *re-criadores* da vida e da sociedade segundo o modelo de Jesus Cristo.

Estejamos firmes no propósito que o Senhor nos chamou, crendo que em todo tempo Ele estará conosco, caminhando junto, interagindo para que possamos em nossa prática pedagógica assumir com excelência e humildade o papel de aprender enquanto se ensina.

Andreia Fernandes, pastora, educadora.



DEPARTAMENTO NACIONAL DE ESCOLA DOMINICAL



(Coordenação do Departamento Nacional de Escola Dominical – 2016)

IV - Bibliografia:

CARVALHO, Antônio Vieira de. Teologia da Educação Cristã. São Paulo, Ecclesia, 2000.

CONSTANTINO, Zélia dos Santos. A Educação Cristã na Igreja Metodista: Como dinamizá-la. Rio de Janeiro, Ministério de Publicações da 1ªRE/ Setor de Publicações – Pastoral Bennett, 1997.

FREIRE, Paulo. A Importância do Ato de Ler. 41ª ed. São Paulo, Cortez, 2001.

_____. Pedagogia do Oprimido. 40ª ed. RJ, Paz e Terra, 2005.

FREITAS, Nilson Guedes de. Pedagogia do Amor. SP, Wak Editora, 2000.

IGREJA METODISTA. Plano para Vida e Missão da Igreja. Piracicaba. UNIMEP, 1982.

MESTERS, Carlos. Fraternidade e Educação a Serviço da Vida e da Esperança. 2ª ed. SP, CEBI/Paulus, 2001.

MESTERS, Carlos e OROFINO, Francisco. *A prática pedagógica de Jesus de Nazaré*. In: Educar para justiça, a solidariedade e a paz. Paulus, SP, 2004.